

Sabino Barroso

Sabino Alves Barroso Júnior nasceu na fazenda de São Bartolomeu, em São Sebastião dos Correntes (atual Sabinópolis), então pertencente ao município de Serro, em 27 de abril de 1859. Eram seus pais o coronel Sabino Alves Barroso e D. Maria Josefina de Aratújo Barroso.

Sabino Barroso iniciou seus estudos no Serro, passando ao seminário de Diamantina. Após a conclusão do primário, ele matriculou-se no famoso Colégio do Caraça, onde os padres Lazaristas ministravam excelente curso de humanidades, sob uma disciplina rigorosa. Após concluir os preparatórios, Sabino Barroso seguiu para São Paulo, matriculando-se na tradicional Faculdade de Direito daquela cidade. Com Bueno de Paiva e Tito Fulgêncio, o jovem Sabino Barroso publicou o jornal O Constitucional. Em 1884, bacharelou-se e, no ano seguinte, voltou para sua cidade natal, onde passou a exercer intensa atividade. Tornou-se advogado e empenhou-se em lutas políticas.

E, como que talhado para um cenário mais amplo, candidatou-se a deputado estadual pelo Partido Conservador. Eleito em 1886, transferiu residência para Ouro Preto, a antiga capital do Estado de Minas Gerais. Referindo-se a esta fase da vida de Sabino Barroso, assim se exprimiu Francisco Sá: "Era um orador brilhante, vigoroso, forte e imaginoso. Frequentava assiduamente todas as discussões. Versava os mais variados assuntos que interessavam à administração da Província." Já então se apresentava com aquelas qualidades que, segundo o mesmo depoimento, caracterizavam a sua pessoa e explicam o sucesso de sua vida pública: a "polidez aristocrática", o "espírito conciliador" e o "brilhante talento das combinações". Logo o jovem representante do Serro despertou e empolgou a atenção dos seus pares, tornando-se líder da maioria conservadora e, depois, com apenas 27 anos, presidente da Assembleia Provincial, na 26.^a e 27.^a legislaturas (1886/1887 e 1888/1889). No segundo mandato, torna-se o líder da minoria conservadora e destaca-se com a proposta de anexação do sul da Bahia a Minas Gerais e na defesa do complexo ferroviário do norte-nordeste do estado, tendo "o Serro como ponto convergente de três estradas de ferro". Concorrendo na última eleição de deputados gerais do Império, em 1889, não conseguiu eleger-se, mas obteve uma expressiva votação.

Na Assembleia Constituinte do Estado, reunida após a proclamação da República, Sabino Barroso foi eleito 1º Secretário. Destacava-se então, como assinala Nelson de Sena, pelo acento de sua palavra convincente e enérgica, pelos arroubos de sua imaginação, pelo esmero de sua educação política, moldada no convívio com os "publicitas da escola francesa

e da inglesa". Tudo isso explica as suas constantes reeleições para o Congresso mineiro. Nos pleitos que disputou em seu distrito eleitoral, observa ainda Nelson de Sena que o nome de Sabino Barroso não vinha com a recomendação das chapas oficiais, mas "garantido no triunfo pelo apreço de seus compatriotas e correligionários".

A política militante não o afastou, como a tantos outros, dos estudos jurídicos. Ao contrário. Bem versado tanto no Direito Penal como no Civil e no Comercial, ele exerceu com brilhantismo a advocacia, em Ouro Preto e outras comarcas mineiras. Fundara, em sua terra natal, para a defesa dos interesses locais, o jornal O Serro, em 1890. Em nova frente política, pertenceu ao grupo de juristas que fundou, em 10 de novembro de 1892, a Faculdade de Direito de Minas, da qual foi professor catedrático- de Direito Público e Constitucional até 1900, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Também foi um dos fundadores da Revista da mesma Faculdade, em 1894. E reatando suas atividades jornalísticas, iniciadas no Serro, fundou, com Mendes Pimentel, o Diário de Minas, jornal de elevada oposição ao governo do Estado.

Reelege-se deputado estadual em 1895-98.

Em 1899, Sabino Barroso foi eleito Senador ao Congresso mineiro. Continuando a carreira de homem público, elegeu-se deputado federal em 1900, iniciando, assim, a fase nacional de sua vida pública e reelegendo-se sucessivamente. Os sucessos que conquistou no plano estadual multiplicaram-se e intensificaram-se no amplo cenário da nação. Sua entrada nesse cenário coincidiu com o início do governo Campos Sales, que o foi buscar no parlamento para exercer o importante cargo de Ministro da Justiça (1901-1902). Sabino Barroso aceitou a pasta com uma condição, que foi fielmente cumprida no fim do quadriênio: a garantia de juros estabelecida pelo Decreto de 14 de novembro de 1902, que possibilitou a incorporação da companhia construtora da Estrada de Ferro Vitória a Minas (24). Na obra de reconstrução comandada por Campos Sales, a pasta das finanças era tão importante quanto a da Justiça, e Sabino Barroso também foi chamado a ocupá-la (1902-1902), com a alta responsabilidade de substituto do grande Joaquim Murinho. Sabino, participando durante seguidos anos da poderosa Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro, assim como dos mais importantes órgãos do Congresso Nacional, demonstrou sempre enorme liderança, habilidade política e presença ativa nas principais decisões da nascente República, chegando a ser cogitado para a vice-presidência da nação. Quando, em 1902, deu-se a vaga de vice-presidente da República, pela morte de Silviano

Brandão, Sabino Barroso foi indicado para aquele cargo, afinal preenchido por Afonso Pena.

Voltando à Câmara Federal, em 1903, passou a fazer parte da Comissão de Finanças, da qual foi o presidente em sucessivas legislaturas. Tão demorada permanência à frente daquele órgão técnico é uma prova da sua competência em matéria de política financeira, bem como de sua probidade e de seu zelo na defesa do erário.

Sob sua presidência, a Comissão de Finanças jamais se curvou a qualquer imposição governamental. Ele mesmo o declarou certa vez: "o meu trabalho é sempre no sentido de que a nossa função não seja a de simples chancelaria".

Presidente da Câmara dos Deputados, em 26 de maio de 1909, mereceu de Bueno Brandão a seguinte afirmação sobre seu desempenho: "sem ter sido um voluntarioso e um prepotente, sabia fazer-se obedecido, convencendo pela persuasão". E Francisco Sá acrescenta que Sabino Barroso deduzia sagazmente a média das opiniões para melhor guiá-las, conseguindo, assim, "o prestígio de uma autoridade inigualável". Esse prestígio transbordava dos limites da Câmara, fazendo-se sentir em todo o amplo cenário político-administrativo da nação, tão conturbado no último período do quadriênio do Marechal Hermes da Fomeca. Este desejava ardentemente ser sucedido na presidência da República pela sua "eminência parda": o todo-poderoso senador Pinheiro Machado. Contra esse conluio levantava-se a nação inteira, pressagiando uma campanha eleitoral das mais perigosas. Como assinala Pandiá Calógeras, "um homem houve que solveu esta tão tensa situação: Sabino Barroso". Vale à pena transcrever aqui todo o trecho no qual Calógeras narra a atuação do presidente da Câmara dos Deputados naquela difícil emergência.

Sabino Barroso representava Minas Gerais e era tido por observador psicológico de extrema argúcia: admiradores seus costumavam dizer que ele era um verdadeiro sismógrafo político. Sua previsão era igual a seu tato e sua ação moderadora nos conflitos tão frequentes de interesses e de pareceres; sua superioridade moral e sua completa abnegação, tanto quanto sua dedicação absoluta e exclusiva ao interesse público, faziam dele uma autoridade geralmente respeitada e obedecida.

Procurou a Pinheiro Machado e abriu-lhe os olhos à realidade. Poderia ser eleito o senador, mas à custa de grandes perigos: o país dilacerado por lutas partidárias, em face da mais ameaçadora das situações, tanto interna como internacional. Revelou então o velho gaúcho a elevação de seu ser moral; ouviu Sabino em silêncio, meditou e respondeu que

não se havia ele feito candidato, mas que amigos seus o impeliam a isso. Ele próprio havia refletido sobre a oportunidade de se apresentar como concorrente à presidência. Sentia-se convencido agora, pelo que lhe dissera Sabino, e ia declarar que não admitiria campanha em seu benefício.

Ao Brasil foi poupada nova luta da mais alta inconveniência, igual à que se dera com Hermes, graças ao nível nobre e patriótico da ação combinada de Sabino e Pinheiro.

Em novembro de 1914, quando Hermes da Fonseca terminava o seu "governo quase intolerável" - a expressão é de Calógeras - a situação financeira da República era verdadeiramente calamitosa. Para corrigi-la, o Poder Executivo - então chefiado por Wenceslau Braz - voltou a apelar para Sabino Barroso, oferecendo-lhe o Ministério da Fazenda (1914-19015). Já gravemente enfermo, mas sempre abnegado, o presidente da Câmara dos Deputados aceitou o novo encargo, tendo, entretanto, de exonerar-se no ano seguinte. Seguiu, então, para a Suíça - a Meca de todos os tuberculosos - onde passou os anos de 1915 e 1916, tentando uma cura que, ao fim deste período, parecia consolidada. Tanto que, regressando ao Brasil, voltou às atividades políticas e foi eleito, em 6 de maio de 1917, deputado federal, na vaga de Joaquim de Salles. Em 26 de julho do mesmo ano, os seus pares o reconduziram à presidência da Câmara, vaga com a renúncia de Astolfo Dutra.

Sabino Barroso era membro da comissão executiva do Partido Republicano Mineiro. Sabia, entretanto, colocar acima do partido e do seu próprio estado os superiores interesses nacionais. Foi ele que ousadamente interrompeu a velha e errada tradição dos presidentes da República oriundos exclusivamente de Minas Gerais ou de São Paulo, ao indicar a Álvaro de Carvalho o nome de Epitácio Pessoa para a sucessão de Rodrigues Alves, morto em 1918, antes de empossar-se pela segunda vez na presidência. Mas não teria a satisfação de assistir à posse do presidente paraibano, pois veio a falecer em 15 de junho de 1919. Como Carlos Peixoto, Sabino Barroso era de compleição franzina - um "perfil britânico surgido em meio latino" (24) - e faleceu da mesma doença que vitimou o seu antecessor na presidência da Câmara. Também morreu solteiro, como Peixoto, talvez para que aos interesses da Nação pudesse dedicar, como, de fato, dedicou, toda a sua vida. A política foi - e disse-o muito bem Joaquim de Salles - "a sua única paixão".

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabino_Barroso e Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados, v. 10, n. 1, p. 7-15, jan. /jun. 1961.